ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A RÚSSIA DE PUTIN

Aula extra EAE 0350

Já foi visto em aula anterior, como Putin ascendeu ao poder e como foi respondida a pergunta sobre quem era Putin e o que explica a sua nomeação como herdeiro, por Yeltsin. Cabe, nesta aula, discutir algumas questões relacionadas com a sua gestão, em sucessivos exercícios da função como mandatário do país. Mormente quando a sua figura é demonizada pela mídia ocidental.

Essas questões restringem-se à posição da Rússia no cenário internacional, ainda que Putin é também, com frequência, atacado como ditador, por conta da política interna e da condução da chamada *democracia administrada.* Até que caberia discutir as questões da política doméstica, tendo em vista as eleições para a presidência em março de 2018. Mas o foco maior, realmente, cabe à dimensão externa e é dela que esta aula se ocupa.

As questões que vão ser discutidas referem-se aos conflitos mais agudos das relações internacionais da Rússia, mas devem ser vistas como parte do quadro geopolítico internacional no qual se insere o país. Daí porque a primeira questão a ser discutida é a definição da política externa da Federação da Rússia. As outras três questões serão : a crise na Ucrânia/Criméia, a participação russa na guerra civil da Síria e as acusações de interferência cibernética da Rússia nas eleições presidenciais nos EUA, que elegeram Donald Trump.

A política externa da Federação Russa

A definição oficial da política externa da Rússia é feita através de documento específico do Ministério das Relações Exteriores do país e vem sendo alterada, desde 2002, quando foi formulada pela primeira vez, à medida que as autoridades consideraram que as mudanças da ordem internacional assim o exigiram.

O documento descreve as tarefas básicas atribuídas à política externa, uma avaliação da situação internacional e as prioridades que são assumidas por ela na solução dos problemas globais. As novas tarefas básicas contemplam a garantia da segurança do país; a consolidação da posição da Federação da Rússia (definidas em 2016) como um dos centros influentes do mundo contemporâneo e fortalecimento dessa posição no sistema de relações econômicas internacionais; fortalecimento da paz mundial , baseado em princípios coletivos de solução dos conflitos internacionais; atribuição à ONU do papel de coordenador central das relações entre as nações e organização base de regulação das relações internacionais; desenvolvimento de relações bilaterais e multilaterais, com respeito aos princípios de soberania, pragmatismo, transparência e previsibilidade , na defesa não confrontante das prioridades nacionais. São, portanto tarefas que sublinham o entendimento de um mundo multipolar, no qual a Rússia deve desempenhar uma função influente na defesa dos princípios de soberania e defesa dos interesses nacionais das nações. Esta posição parte da avaliação da situação geopolítica internacional, segundo a qual o mundo passou por mudanças profundas, que o tornaram policêntrico, com a formação de novos centros de influência econômica e política e a mudança do seu eixo para a Ásia-Pacífico. Como resultado, reduz-se a possibilidade de dominação da economia e da política mundial pelo Ocidente histórico, enquanto se apresentam diferentes culturas e civilizações , múltiplos modelos de desenvolvimento das nações. Mas também se acentuam as contradições, devidas ao desenvolvimento desigual e aprofundamento das diferenças entre o bem estar das nações, as lutas pelos recursos e pelo acesso aos mercados e controle das vias de transporte. A concorrência envolvida nessas lutas atinge também caráter civilizatório, a tentativa de impor uma maneira de pensar, o que leva ao crescimento da xenofobia, intolerância e conflitos nos assuntos internacionais. Os aspectos sublinhados permitem entender porque a Rússia tornou-se o inimigo da vez.

A crise na Ucrânia.

Análise detalhada desta crise, até 2014, é feita em artigo que está disponível no MOODLE. Aqui se fará uma síntese dos principais elementos dessa análise e uma tentativa de atualizar a situação da crise até os dias de hoje. O começo dela ocorreu com a derrubada do governo Yanukovich, depois que este resolveu adiar a decisão entre a realização de acordo de livre comércio com a União Europeia, com posterior ingresso na Comunidade Européia e na OTAN; e a aceitação de ingresso na União Aduaneira formada então pela Rússia, Belorus e Cazaquistão, compra de 15 bilhões de euros da dívida soberana da Ucrânia e redução do preço do gás russo fornecido ao país. No final, Yanukovich preferiu a proposta russa, o que levou a grandes manifestações de protesto na Praça Maidan, pelo população descontente com a situação econômica e a corrupção reinantes no país, e esperançosa de que o ingresso na EU traria uma mudança dela. As manifestações foram bastante estimuladas do exterior e se mostraram violentas a ponto de levarem à intermediação entre governo e população promovida pelos governos de França, Alemanha e Polônia, através da qual seriam anistiados os presos políticos, seria feita reforma constitucional e eleições em alguns meses, o que implicava na renúncia de Yanukovich. Estas decisões foram contestadas por extremistas de direita, que promoveram um massacre (hoje totalmente esclarecido como sendo de sua responsabilidade) na Praça – mais de 100 pessoas mortas, incluindo membros das forças de segurança, e levaram à renúncia de Yanukovich e seu refúgio na Rússia. Estava dado o golpe, que colocou no governo membros extremados da direita e nazistas. A realização de eleições posteriormente, levou ao poder um oligarca – Poroshenko – e não resultou na pacificação esperada. Seguiram-se manifestações contra o novo governo, inclusive na república da Criméia. Esta declarou-se independente e propôs a realização de um referendo para seu retorno à Rússia (A Criméia foi doada pela URSS à Ucrânia durante o governo de Krushev, como secretário geral do PCUS). O referendo foi realizado e a decisão aceita pelo parlamento russo, anexando a Criméia. Isto valeu à Rússia, a condenação do Ocidente, o qual passou a aplicar sanções econômicas e financeiras ao país. Estas causaram grandes danos à economia e às finanças russas nos anos imediatos à sua aplicação e, embora ainda vigentes, já não surtem o efeito desejado, por conta da política de enfrentamento da crise pelo governo (contra sanções a países da União Européia, na forma de proibição de suas importações pela Rússia, substituição de importações, grande acerto de investimentos com a China, expansão das linhas de comércio com outros países) e, não menos importante, pela recuperação dos preços internacionais do petróleo, em parte resultantes de acertos entre os países produtores, com participação da Rússia. Por sua vez, tão pronto assumiu, o novo governo decretou a proibição – depois revogada - do uso da língua russa como segunda língua oficial do país, despertando medo de perseguições por parte das populações residentes na parte sudeste do país, em grande parte de origem russa, inclusive diante do comportamento dos membros fascistas do governo. Desencadeou-se, assim, a rebelião dessa parte da Ucrânia e a formação das Repúblicas Populares Independentes da região do Donbass. A guerra civil que se seguiu a isso foi marcada pela violência e massacre de civis por parte especialmente das tropas do governo das quais faziam parte os batalhões fascistas e pelo apoio não declarado da Rússia aos rebeldes, que negociam uma autonomia no âmbito da Ucrânia, como unidades federadas inscritas na constituição do país. Entre conflitos e armistícios, prossegue a situação, cuja solução depende do cumprimento de dois acordos, firmados em Minsk, capital da Belorus, intermediados pelos governos da França, Alemanha e Rússia. Esta é acusada de não cumprir o acordo e refuta a acusação, afirmando que o cumprimento dele depende da Ucrânia, pois prevê mudanças constitucionais para atender às reivindicações de autonomia das repúblicas rebeldes. A notícia mais recente, deste mês de novembro corrente (2017), refere-se a uma tentativa de golpe de membro do governo da república de Lugansk (uma das duas repúblicas. Outra e Donetz), que seria agente do governo central. A tentativa foi frustrada e a situação resultante é pouco clara, segundo analistas que acompanham os acontecimentos.

A participação da Rússia na guerra civil da Síria.

Para a discussão da participação da Rússia na guerra civil na Síria, ver consubstanciado artigo de Gordon Hahn, d0 Monterrey Institute for International Studies, que está no MOODLE. Acrescenta-se, sumariamente, a resposta dada por Putin, em entrevista feita por Oliver Stone (AS ENTREVISTAS COM PUTIN. Rio de janeiro, Ed. Best Seller, 2017). À solicitação de explicar porque enviou tropas à Síria e qual foi o seu objetivo, a resposta foi a seguinte: “É muito fácil explicar. Vemos o que aconteceu em certos países da região. Em particular, refiro-me ao Iraque e à Líbia. Quanto ao presidente Al-Sisi do Egito: a mesmo coisa não aconteceu no Egito. Outros países também estão em situação difícil. Porém, na Líbia e no Iraque, a tragédia ocorreu. Isso se deu devido à destituição violenta dos regimes correntes. Estes regimes foram destruídos. Eles não foram simplesmente destituídos do poder. A própria liderança foi eliminada. Não queremos que a mesma coisa ocorra na Síria. Caso contrário, toda a região vai mergulhar no caos. Além disso, se o que aconteceu na Líbia acontecer na Síria, a posição das organizações radicais e das organizações terroristas vai se consolidar em grande medida. Neste momento, eles são muito fortes, porque controlam grande parte do petróleo que está sendo extraído naquela região”. Segundo Putin, os terroristas recebem ajuda do exterior e ficaram muito poderosos. A sua principal preocupação seria, portanto, impedir que se tornassem mais fortes, levando a cabo sua tentativa de criar “um califado que vai desde a Europa Meridional até a Ásia Central”. E também impedir que os milhares de combatentes que os terroristas recrutaram na Rússia voltem e continuem a lutar dentro do país.

Esta entrevista ocorreu em julho de 2015. Mas não expressa suficientemente o significado da intervenção da Rússia na guerra civil síria. Segundo analistas, a intervenção russa constituiu um ato de natureza estratégica fundamental para os interesses geoestratégicos russos. Primeiro, porque demonstrou que a Rússia é um ator importante da cena internacional e atua de forma independente para demonstrá-lo; em seguida, porque assegurou ao país a proteção da base naval de Tartus, como também a da nova base, perto de Latakiya, ambas em localização estratégica. Na realidade, a importância do papel da Rússia não se restringe ao caso da Rússia, sendo importante destacar a sua intermediação, durante o governo Obama, para a eliminação do arsenal de armas químicas da Síria, e a sua contribuição para a conclusão do acordo de restrição do uso da energia nuclear para fins militares, assinado com o Irã.

As acusações de interferência nas eleições presidenciais americanas de 2016

Os episódios mais recentes de demonização de Putin, referem-se à interferência cibernética nas eleições americanas, que sufragaram o republicano Donald Trump como presidente dos EUA, derrotando a democrata Hilary Clinton no Colégio Eleitoral.

As especulações já duram praticamente um ano e, de acordo com notícias mais recentes, o caso está sob investigação do procurador Roberto Mueller, que indiciou te agora some o Gal. Flynn e exclusivamente por ele ter mentido, em relação aos seus encontros com membros do governo russo, especialmente o embaixador russo nos EUA, Sergei Kislyak.

As acusações de que os russos teriam hackeado mails do partido democrata foram objeto de investigações confiadas a uma empresa privada, Crowdstrike, cujo titular, Chrystopher Steele, é um ex-agente do serviço secreto inglês (M-16), e trabalha com o Atlantic Council ( uma instituição de Washington fundada pelo Departamento de Estado, OTAN, exilados ucranianos, exportadores persas de petróleo e empresários do setor de armamento. O DNC do Partido Republicano não permitiu ao FBI inspecionar os computadores alegadamente hackeados. O relatório elaborado foi considerado por Seymor Hersh [(premiado (Pulitzer prize)] “cheio de afirmações e vazio de evidencias”. Segundo notícia divulgada (JRL 64-2017, de 1º. Abril), Chystopher Steele estaria se escondendo desde janeiro de 2017.

As criticas ao dossiê referem-se não somente ao viés anti-russo, como também à metodologia utilizada, que se assenta em suposições, do tipo “os hackers foram tão sofisticados, que eles teriam que ter suporte estatal, ... acredita-se que fossem estreitamente ligadas à inteligência russa”. O virus identificado numa declaração de James Clapper, diretor do Serviço nacional de Inteligência, foi investigado por dois experts, que examinaram 876 endereços do Protocolo da Internet usados pelos hackers e providenciados pelo Departamento de Segurança Interna dos EUA. As conclusões a que chegaram foram as seguintes: a maioria deles eram originários dos EUA, seguidos pela Rússia, Holand, Alemanha, França e China; aproximadamente 15% eram TOR notas de saída de origem desconhecida, pois são destinados a ser anônimos; eles não parecer prover quaisquer associações com a Rússia. (ver anexo The Trump dossiê).

Até setembro de 2017 não havia quaisquer evidências de intromissão da Rússia na campanha eleitoral de 2016. Duas outras notícias relacionadas com o assunto no final desse mês, merecem ser divulgadas. A primeira diz respeito a uma reunião realizada entre executivos da Twitter com senadores americanos, a portas fechadas. Os senadores teriam deixado a reunião muito infelizes, porque o vice-presidente da Twitter informou que, tendo verificado 450 contas que Facebook teria identificado coo “suspeitas, encontraram 22 delas na sua plataforma e as suspernderam por teram violado as normas da companhia contra spams. Twiter também suspendeu outras 179 contas relacionadas que estavam violando as suas normas de serviço. Nenhuma das 201 contas foram registradas como sendo de propaganda. (JRL 185/2017 #4). A segunda refere-se a uma mensgem de Adam Pakhhomenko, auxiliar de Hillary Clynton há muito tempo, passada através do Twitter, insinuando que Bernie Sanders teria feita coalisão com a Rússia durante as primárias Democráticas: “vocês parecem ignorar o apoio da Rússia on line a Bernie durante as primárias. O sujeito está escondendo alguma coisa. Não estou certo, quero saber o que (JTL 174/2017, # 3).

E, nos dias que correm, o novo ataque midiático envolve o General Michael Flynn, que concordou em esclarecer à justiça americana sobre seus supostos encontros com o embaixador Kislyak. Alguns contatos de Flynn na Rússia foram feitos ainda durante o governo Obama, na tentativa de organizar uma atuação conjunta dos EUA e da Rússia no combate aos terroristas na Síria. Já como parte do governo Trump, o seu encontro com o embaixador russo, durante o período de transição pós-eleitoral, teve como objetivos: i) solicitar que o governo russo não retaliasse face às sanções adicionais à Rússia, editadas por Obama ao final do seu mandato, por conta da alegada intromissão russa nas eleições presidenciais americanas; ii) solicitar que a Rússia ajudasse a atrasar ou derrotar uma resolução do Conselho de Segurança da ONU, censurando Israel pela construção de assentamentos em território palestino. Resta ver como seguirá o inquérito.

Duas observações são importantes em relação ao que foi dito até aqui. Alguns analistas creditam toda a campanha desencadeada pelo DNC do Partido Democrata como forma de justificar a derrota de sua candidata; e não estão fora de cogitação as tentativas de utilizar esta campanha e a histeria anti-russa como instrumento para promoção do impeachment de Trump. Infelizmente, ela está servindo também para tornar conflituosas as relações russo-americanas, mormente diante do quadro político internacional.